

RESENHA  
**Memórias da plantação:**  
episódios de racismo cotidiano

**Marcos Rodrigues<sup>1</sup>**  
Universidade Federal da Bahia



KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 244 p.

RODRIGUES, Marcos. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano (Resenha)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (17): 471-476, maio a agosto de 2021. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia.

O livro *Memórias da Plantação, episódio: de racismo cotidiano* está entre as últimas referências na discussão das relações raciais contemporâneas e da diáspora africana. Lançado no Festival Internacional de Literatura de Berlim (2008), agora circula no Brasil com grande aceitação crítica e promete uma revisão conceitual a partir do ponto de vista psicanalítico. De chegada foi o mais vendido no Festival Internacional de Literatura de Paraty (Flip 2019), no Rio de Janeiro, com amplas mesas de debates, conversas e palestras geradas a partir do seu conteúdo.

Sua autora é a intelectual e multiartista negra portuguesa Grada Kilomba, nascida em Lisboa, com raízes familiares em Angola e nas ilhas de São Tomé e Príncipe. Doutora em Filosofia pela Universidade Livre de Berlim (Alemanha), onde produziu a tese que originou o livro objeto desta resenha, possui um lastro de trabalho que envolve a performance da escrita, vídeo, fotografia e instalação, com participação em vários eventos internacionais, além de atuar como professora universitária.

Grada Kilomba segue a divulgar seu livro no propósito de expor o racismo nosso de cada dia encarado especialmente pelas mulheres negras, com a subjetividade necessária de criar uma nova linguagem, segundo ela mesma propõe. Trata-se de uma investigação sobre o passado em diálogo com o presente devido ao caráter evolutivo de opressão e persistência do racismo. Não seria demais reforçar que o ambiente acadêmico alemão foi o centro gerador desse debate para a construção do livro cuja leitura requer algum preparo para absorver as facetas traumáticas do racismo que se reatualiza, se transforma e se perpetua no seio da modernidade.

A palavra de ordem é compreender que o racismo permeia qualquer instituição de uma estrutura. Ao analisar o aspecto romantizado da colonização portuguesa a partir do negacionismo e da supremacia machista, a pesquisadora classifica como um processo doloroso ser obrigado a aceitar o discurso do outro, a identificação do outro, na construção da diferença. Decidida a estudar em Berlim, revela que deixava um universo marcado pela negação em direção a outro território com uma história colonial e de ditadura fascista.

Na edição brasileira, Grada Kilomba acrescenta uma carta inicial em que fala de sua formação em Psicologia Clínica e Psicanálise e atuação como docente. Segue com um ajuste de linguagem que julga necessário à língua portuguesa pela inexistência de gênero neutro. O glossário é explicado por não haver correspondentes no próprio idioma do texto original. Dividido em 14 capítulos, o livro apresenta denso conteúdo em uma perspectiva antirracista e anticolonialista que relaciona a psicanálise com uma abordagem fenomenológica.

Na introdução, a autora procura explicar como tornar-se sujeito no cotidiano racista, no caso da mulher negra, como o outro do outro, uma vez que a função do racismo é perpetuar a colonização na forma estrutural, e também institucional, através de um discurso ideológico de palavras e imagens para justificar a opressão a partir de uma história colonial, branca e masculina. Nas entrelinhas, o texto pragmatiza a experiência de estudar em uma universidade europeia perante uma política de estereótipo que procura manter o sujeito negro em estado de negação e de invisibilidade.

O primeiro capítulo faz referência ao uso conceitual da máscara, objeto utilizado pelos escravizados no período colonial como forma de castigo e silenciamento. A partir de uma ilustração com imagem da escrava Anastácia, Kilomba explica como o racismo autoriza a violência da exclusão social e como o uso metafórico da máscara mantém um silêncio em segredo, suprime o direito à voz. Assim, a autora relaciona sua passagem como intelectual negra em uma universidade alemã e revela a experiência de ser um corpo negro identificado como o outro que não pertence àquele lugar.

O livro ganha distinção possivelmente ao mostrar o lugar do sujeito negro negado à interpretação de si mesmo, do racismo e do sexismo. O texto assume um papel de denúncia das sequelas psicológicas da violência, da dor e do silêncio frente a uma onda de traumas e medos. Na busca de desconstruir essa política de opressão, a autora consolida seu discurso crítico com o apoio teórico de autores como bell hooks, Frantz Fanon e Stuart Hall.

A discussão segue no segundo capítulo em torno da subalternidade. Ao narrar sua saga para ingressar no curso de doutorado, cercada de contestações sobre a norma do poder estrutural do racismo, a pesquisadora questiona o paradigma do espaço acadêmico. Quem pode estar na universidade? Quem pode gerar conhecimento? Quem pode falar em nome da negritude? O discurso apresentado é enfático a respeito da descolonização do conhecimento e dos mecanismos de anulação à sua presença como aluna na universidade e ao seu lugar de fala num ambiente racista.

Não escapa à interpretação de Grada Kilomba a neutralidade do conhecimento científico eurocentrado. E entra em questão esse lugar acadêmico estruturado contra o direito de fala do outro, sem uma agenda para o trabalho intelectual do sujeito negro. Conforme a narrativa, parece pouco incomum que trabalhos da área psicológica e psicanalítica esbarrem nessa dificuldade de aceitação por conta do método ou do objeto a ser estudado.

No terceiro capítulo, a autora apresenta o procedimento metodológico do seu trabalho centrado no sujeito, a partir da fenomenologia, um conceito necessário, conforme ressalta. Das entrevistas realizadas com seis mulheres negras que vivem na Alemanha, escolheu duas para abordar a experiência do racismo, a partir de suas narrativas autobiográficas de trauma, desconforto e dor. Os argumentos são fortalecidos pelo diálogo com outras intelectuais negras e com psicanalistas africanos. Assim, a narrativa sugere ferramentas para entender outros processos discriminatórios cotidianos a exemplo do sexismo e do machismo.

O quarto capítulo, que aborda sobre a dualidade racismo e gênero, chamam a atenção para a importância do feminismo negro ocidental, cuja pauta difere da luta das mulheres em geral. As mulheres negras sofrem essa dupla ou tripla discriminação em relação às brancas, se levar em conta a lesbofobia. A autora define esse racismo genderizado e mostra a utilidade de sua referência em face da invisibilidade negra pelo sexismo, internalizado na pretensão de um discurso de fronteira com o racismo, às vezes disfarçado ou escondido. Kilomba denuncia: “A luta antirracista não é parte das preocupações das feministas ocidentais, principalmente porque suas precursoras brancas não foram e não são confrontadas com a violência racista, mas ‘somente’ com a opressão de gênero” (p. 103). O racismo atua com outras construções ideológicas que permeiam a mentalidade da sociedade porque, sendo estrutural e institucional, está em todos os âmbitos.

Grada Kilomba começa o enfoque específico do trabalho no quinto capítulo com abordagem das relações de estranhamento da branquitude ao diferente que penetra o mesmo espaço. Ao analisar as entrevistas, discute em detalhes situações

de desconhecimento das pessoas negras, a não aceitação de fala sobre a territorialidade do racismo, o não pertencimento a este lugar como elementos da norma comportamental da branquitude. Os relatos atestam que é algo comum pessoas negras no ambiente branco que se deparam com indagações relacionadas à aparência, à origem, tipo “De onde você vem? Por que você está aqui? Quando pretende voltar?” (p. 123).

A questão do estereótipo predomina no sexto capítulo, onde o assunto é a política do cabelo das mulheres negras que causa estranhamento à visão dos brancos. Assumir o cabelo ao natural ou estilizado é um ato político. Essa leitura ajuda entender como o racismo atua sobre os corpos negros, como até hoje impera na sociedade o discurso do cabelo ruim, da não aceitação da cultura do cabelo crespo. Inclusive, lembra a pesquisadora, o cabelo é mais importante, do ponto de vista da dominação, do que o corpo ou a cor da pele, por exemplo. E em diálogo permanente com teóricos da psicologia e da psicanálise e da própria episteme feminista, Kilomba argumenta sobre o que representa esse cabelo negro na sociedade.

A abordagem segue nos capítulos seguintes sobre as ações de dominação do corpo negro, através do controle sobre a pele, a valorização romantizada da miscigenação, a segregação e a performance da negritude, todo um processo de violência ainda hoje mantido pelo legado da colonização. O discurso de Kilomba facilita o entendimento da longa luta das mulheres negras por representatividade como uma questão de gênero. A autora demonstra como os episódios de racismo cotidiano não se desvinculam dessa herança nociva, dessa conjuntura em que as pessoas foram desmobilizadas e globalizadas de forma tão violenta. Inclusive, a origem desse colonialismo pode estar na infância a partir da sedução pela comunicação iconográfica, que leva a criança a se alienar de seus valores e se identificar com os da branquitude.

A autora sublinha a interpretação sobre a experiência do trauma como o maior reflexo psicológico do racismo. Assim, o negro torna-se a representação do que a sociedade branca recusa para si. A formação psíquica tem um peso na hora de definir e assumir a complexa negritude. O pavor de nominar o sujeito negro é uma realidade traumática se este ocupa o lugar de fala e representatividade, enquanto a branquitude segue na dificuldade se conscientizar do sentimento de igualdade perante o outro. Daí o tornar-se mórbido como forma de reação ao estado de vigilância permanente cuja política de dominação leva o sujeito negro a se identificar inclusive com valores da branquitude devido à falta de referências positivas.

E chegamos à questão do suicídio, talvez o último estágio das sequelas traumáticas do racismo. No décimo segundo capítulo, autora relaciona a condição de isolamento da pessoa negra no período escravista à anulação de si mesmo cujo resultado inclui a iminência de subverter uma ordem, como parte do jogo de reação, tornando-se sujeito da própria existência. É possível classificar o suicídio como um recurso de defesa em face da opressão. Apesar do contexto apresentado, não seria tão delicado como dizem alguns, se a psicologia e as ciências correlatas colocassem o negro no centro dos fatos com o seu lugar de fala.

No capítulo seguinte, a autora alerta para a necessidade de reconhecer o trauma, desconstruir e desalienar o processo de dependência colonial advindo da estrutura e da instituição do racismo branco que o negro vivencia. O entendimento de descolonizar, curar e aceitar a importância de conhecer as origens consiste na postura de falar em primeira pessoa e de lutar contra essa objetificação imposta pela política de dominação. Em decorrência da fragmentação familiar

pela escravidão, Kilomba tenta sugerir a recriação de laços de parentesco como forma de amenizar o trauma.

No último capítulo, ao retomar o título do livro, Grada Kilomba lembra que o trauma nunca deixa de ser colonial e segue negligenciado pelas ciências psicológicas como uma consequência da opressão racial. Ao trabalhar o conceito de racismo traumático a partir do impacto da violência, ruptura e atemporalidade, a autora arremata que o racismo cotidiano nos remete sempre ao período escravista com o propósito de nos colonizar novamente através de fantasias invasivas. A branquitude persegue a ideia de posse. Esse racismo cotidiano narrado pela autora e suas entrevistadas, Alicia e Kathleen, está na mira da desconstrução, isto é, da descolonização. E assim, Kilomba procura apontar caminhos para descolonizar o ego e se proteger dos conflitos externos. E de acordo com a narrativa, esse processo de transformação sinaliza um sentimento de reparação política do negro para se tornar sujeito da sua história.

Portanto, temos um livro indicado para entender como a nossa cultura se organiza na diáspora africana sob as marcas coloniais do passado e do presente. Uma abordagem que fortalece as ações afirmativas dentro e fora da academia. Um livro para pensar e refletir sobre a intelectualidade negra nessa era pós-colonial. Uma referência para qualquer estudo na área das relações raciais, sobretudo no sentido epistêmico de visibilizar a mulher negra como sujeito da sua própria história. Uma importante publicação para avaliar o nosso racismo cotidiano.

*Recebido em 23 de abril de 2021.*

*Aprovado em 30 de agosto de 2021.*

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

*A Aceno recebe em*  
**FLUXO CONTÍNUO,**  
**artigos livres,**  
**resenhas,**  
**ensaios fotográficos,**  
**dossiês (propostas).**  
*Interessados em atuar como*  
**pareceristas**  
*podem realizar seus cadastros no site*